

Desta forma, por exemplo, a monarquia tem um caráter político, quando propõe uma nova ordem, e exprime uma inovação, na medida em que propõe uma ruptura com a política local: porém, ela só tem sentido se encarada dentro do universo sagrado, onde é vista como uma "coisa do céu". O mesmo ocorre com a lenda de Carlos Magno, ligada à busca de um nexu entre o presente intolerável e um passado encarado como um ordem justa e boa.

A organização social adquire um novo sentido, não mais baseado em diferenças econômicas, mas em uma fraternidade de base mística. Redefine-se uma heteronomia legitimada pelos poderes sobrenaturais dos chefes e pelo desempenho militar e organizatório de que eram capazes.

Valores como inocência, virgindade, pureza e impureza são reinterpretados, tendo como ponto de partida a oposição entre o sagrado e o secular.

Deus assume a condição de um Deus ocioso, cedendo lugar a entidades mais próximas do homem. Este distanciamento do Deus ocioso, por sua vez, está ligado às características próprias do catolicismo místico.

Não se deve, no entanto, encarar a Irmandade como um mundo sem tensões e conflitos. Estes estão presentes. Porém, a dinâmica criadora da ordem é dada exatamente pelos mecanismos de seleção e demarcação entre o puro e o impuro, entre o compatível e o incompatível.

Finalizando, o Autor faz uma breve análise e comenta, a partir de sua visão sobre o movimento, as teses de alguns dos principais autores que trataram o mesmo tema como: Laís Mourão Sá, Maurício Vinhas de Queiroz e Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Flávia R. Borges Pereira

*

GERARDO REICHEL-DOLMATOFF: *Beyond the Milky Way. Hallucinatory Imagery of the Tukano Indians*. UCLA Latin American Center Publications. University of California, Los Angeles, 1978.

É relativamente extensa a literatura a respeito de alucinógenos, índios e simbolismo, principalmente se se leva em conta a bibliografia (*underground*, inclusive) a respeito dos índios norte-americanos. No entanto, este é, a meu ver, o primeiro livro que consegue tratar destes três temas com seriedade, precisão e fundamento, numa apresentação belíssima, tanto em termos das ilustrações que o livro fornece, quanto em termos da linguagem de que o A. se utiliza para expor suas idéias.

Gerardo Reichel-Dolmatoff, autor de vários livros sobre etnologia sul-americana (dentre os quais os mais conhecidos são: *Desana: Simbolismo de los Indios Tukano del Vaupés* e *The Shaman and the Jaguar*), procura nesta obra analisar uma série de desenhos feitos pelos índios Tukano da região amazônica da Colômbia.

Nestes desenhos, os Tukano retratam suas visões conseguidas através da ingestão de certas plantas de efeito narcótico. Não se trata, no entanto, de uma obra a respeito de arte psicodélica ou da chamada arte primitiva pura e simplesmente. Como diz o próprio A. no Prefácio, o livro tem como objetivo “descrições etnográficas, mitologia e o uso ritual de certas plantas alucinógenas. Trata também de alguns aspectos neuro-fisiológicos sob a forma de padrão endógenos luminescentes, sobre os quais os índios projetam um significado cultural, e da questão da forma pela qual estes padrões tem sido utilizados para perpetuar uma herança cultural” (p. IX-X).

Dolmatoff foi procurar nas contribuições da neuro-fisiologia, principalmente nas obras de Max Knoll, a ‘matriz’ dos padrões decorativos presentes não apenas nos desenhos atuais dos Tukano, mas também nas pinturas líticas da África do Sul e de inúmeros outros grupos indígenas sul-americanos, como os Kadiwéu e os Guarani.

Segundo Knoll, o olho humano percebe certos padrões luminosos, gerados pelo sistema nervoso, que ilumina o campo visual. Os *fosfenos*, como são chamados estes padrões, podem ser percebidos quando, em estado de grande fadiga ou *stress* emocional, fechamos os olhos e “enxergamos” certas figuras abstratas ou geométricas bem definidas. Os *fosfenos* também podem ser produzidos por estímulos externos — quando pressionamos as órbitas oculares (produzindo assim a visão de círculos concêntricos), quando um machucado nos faz “ver estrelas”, ou ainda quando acordamos subitamente numa sala escura.

Na página 45, Dolmatoff apresenta uma comparação dos padrões de *fosfenos* analisados por Knoll e dos padrões utilizados pelos Tukano como motivos decorativo. Neste quadro, que inclui espirais, losongos, círculos, concêntricos, “sóis”, etc., encontramos também os símbolos arquetípicos que tanto fascinam os psicólogos jungianos.

No segundo capítulo, Dolmatoff descreve o conhecimento que os Tukano desenvolveram a respeito das plantas alucinógenas e o uso ritual que fazem dela. Segundo os Tukano, a experiência alucinógena pode ser dividida em três estágios. No primeiro, as sensações luminosas percebidas são acompanhadas de certas reações físicas como vômito e diarreia, e a impressão de que se está voando em direção à Via Lactea. No segundo estágio, a elucinação é mais profunda, os *fosfenos* desaparecem gradativamente, dando lugar a formas coloridas tridimensionais que se transformam em pessoas, animais e monstros. Estas cenas passam a ter um significado profundo para quem as observa; são encaradas como visões que reproduzem cenas mitoló-

gicas a serem interpretadas pelos velhos xamãs. O terceiro estágio é mais contemplativo; as formas anteriores vão se esvanecendo em nuvens plácidas.

Obviamente a ingestão do *yajé* (*Banisteriopsis sp.*, conhecida no Peru e Equador como *ayahuasca*) pode produzir efeitos variados, dependendo de quem as consome. Nem todos tem acesso à paisagem beatificante do Além da Via Láctea.

O *yajé* é consumido individualmente (principalmente pelos xamãs em busca do conhecimento que supõem existir no Outro Mundo) ou coletivamente durante um ritual para o consumo da droga. O transe e as experiências alucinadoras são, segundo Dolmatoff, importantes fontes de conhecimento para os Tukano. Através de seu consumo, busca-se a cura de certas doenças, a indicação dos locais mais propícios para caça e pesca, a localização de frutas maduras na floresta. Ao consumir o *yajé*, os Tukano procuram saber sobre as pontenciais cônjuges para seus filhos, sobre os perigos que ameaçam a comunidade.

No final do livro, Dolmatoff apresenta 15 pranchas coloridas com desenhos Tukano acompanhados de comentários feitos pelos próprios desenhistas. Estes desenhos mostram que os Tukano desenvolveram um padrão decorativo bem definido, que utilizam nas fachadas de suas casas tradicionais, na ornamentação de inúmeros objetos, como potes e pratos de cerâmica, cestos e peneiras de palha trançada, maracás, "panos" feitos de entresca de árvore, e ainda, em suas pinturas corporais.

Dolmatoff conseguiu que os Tukano desenhassem em papel a visão que eles haviam tido durante a ingestão do *yajé*. Isto permitiu ao A. reconhecer nestes desenhos os padrões dos motivos decorativos que os Tukano reproduziam em seus artefatos. Dolmatoff isolou então os motivos mais recorrentes que apareciam nos desenhos, reproduziu-os em cartões separados e apresentou-se aos índios que não só os identificaram, como lhes atribuíram um significado, geralmente descrito em termos de simbolismo de fertilidade, de crescimento e regeneração; havia, portanto, por trás de cada motivo, um conceito específico.

No último capítulo, Dolmatoff apresenta os padrões individuais dos desenhos (que ele no início da obra comparou aos padrões de *fosteno* analisados por Knoll) e seus respectivos significados, tais como foram descritos pelos índios.

Beyond the Milky Way é, portanto, uma obra valiosa, principalmente para aqueles que estão interessados na análise do simbolismo de certos elementos que, se por um lado são amplamente encontrados em inúmeros grupos, só podem ser entendidos a partir de um contexto cultural específico.

Sylvia Caiuby Novaes